

VIII. Alcançando a perfeição da vida

“A forma humana de vida destina-se à compreensão de Deus”

Śrīla Prabhupāda dá uma palestra no Conway Hall de Londres, em 1969: “...se alguém pensar assim — “eu não sou servo de ninguém mais; minha função é servir a Deus” — então será liberado. Seu coração se purificará imediatamente e ele será liberado. E depois que se chega a esse ponto, todas as preocupações e ansiedades neste mundo terminam, porque se sabe: eu sou servo de Deus. Deus dar-me-á proteção. Por que deveria eu me preocupar com algo?”

O tema de hoje é a nossa relação com Deus. Isso é auto-realização. O movimento de *saṅkīrtana* é o processo mais fácil para a auto-realização porque ele purifica o coração. Nossa compreensão errônea de nossa identidade deve-se à poeira que cobre o espelho da mente. Num espelho que é coberto com poeira não podemos ver a nós mesmos. Mas se o espelho está bem limpo, então podemos ver-nos. De modo que a meditação é um processo para purificar o coração. Meditação significa tentar compreender nossa relação com o Supremo.

Como todas as coisas com as quais entramos em contato há uma relação. Porque agora estou sentado nesta almofada, a relação é que sentar-me-ei e a almofada sustentar-me-á. Vocês têm relações. Vocês são ingleses ou indianos, de modo que existe uma relação com a sua sociedade, com sua família, com seus amigos. Qual é, então, a nossa relação com Deus?

Se vocês perguntarem isso a cada pessoa, poucas serão capazes de explicar sua relação com Deus. Elas dirão: “O que é Deus? Deus está morto. Eu não creio em Deus, isso para não falar de uma relação”. Porque essas coisas sujas estão cobrindo-lhes os corações elas não podem ver. Nós temos uma relação com tudo — por que não tentamos compreender nossa relação com Deus? Acaso isso é muito inteligente? Não. Isso é ignorância. Todas as criaturas neste mundo material estão cobertas pelos três modos da natureza material. Por isso elas não podem ver Deus. Elas não podem entender Deus, nem tampouco tentam entendê-lo. Mas Deus existe. De manhã na Inglaterra há neblina, e por isso não se pode ver o Sol por detrás da cerração. Mas isso quer dizer que não existe Sol? Vocês não podem vê-lo porque seus olhos estão cobertos. Mas se vocês mandarem um telegrama a outra parte do mundo, eles dirão: “Sim, o Sol está aqui. Nós podemos vê-lo. Ele é muito deslumbrante, cheio de luz”. Então, quando você nega a existência de Deus ou não pode determinar qual é a sua relação com Deus, isso significa que você está carente de conhecimento. Não é que não exista Deus. Nós estamos carentes. O Sol não está coberto. O Sol não pode ser coberto. A cerração, ou a nuvem, ou a neblina não tem o poder de cobrir o Sol. Quão grande é o Sol! Ele é muitas vezes maior que esta Terra. E as nuvens podem cobrir no máximo uma área de dez ou vinte ou cem quilômetros. Como, então, podem as nuvens cobrir o Sol? Não. As nuvens não podem cobrir o Sol. Elas cobrem os seus olhos. Quando surge um inimigo e o coelho não pode se defender, o coelho fecha os olhos e pensa: “Agora meu inimigo se foi”. Analogamente, nós estamos cobertos pela energia externa de Deus e estamos pensando: “Deus está morto”.

O Senhor tem três tipos de energia. No *Viṣṇu Purāna* há descrições da energia do Senhor Supremo. E nos *Vedas* também, nos *Upaniṣads*, há descrições das energias do Senhor Supremo. O Senhor tem multi-energias. Os *Vedas* dizem: “Deus não tem nada a fazer”. Nós temos de trabalhar porque não temos outro meio para existir — temos de comer, desejamos desfrutar disso, daquilo — mas por que deveria Deus trabalhar? Deus não precisa trabalhar. Como, então podemos dizer que Deus criou este universo? Isso não é trabalho? Não. Então como isso aconteceu? Suas multifárias energias são tão fortes que estão agindo naturalmente e são plenas de conhecimento. Podemos ver como uma flor desabrocha e cresce e sistematicamente revela multicores: de um lado uma manchinha, de outro lado outra manchinha, branco de um lado, mais branco de outro lado. A borboleta também manifesta essa simetria artística. De modo que tudo isso está sendo pintado, mas de maneira tão perfeita e tão rapidamente que não podemos ver como isso acontece. Não podemos ver como isso está sendo feito, mas está sendo feito pela energia do Senhor.

É devido à falta de conhecimento que as pessoas dizem que Deus está morto, que Deus não existe e que não temos relação com Deus. Esses pensamentos são comparados aos pensamentos de um homem perseguido por fantasmas. Assim como um homem assombrado fala todo tipo de disparate, quando nos tornamos cobertos pela energia ilusória de Deus dizemos que Deus está morto. Mas isso não é um fato. Portanto, precisamos deste processo de cantar para purificar nosso coração. Adotem este simples processo de cantar o *mantra* Hare Kṛṣṇa. Dessa maneira, em sua vida familiar, em seu clube, em sua casa, na rua — em toda a parte — cantem Hare Kṛṣṇa, e esta escuridão que cobre o seu coração, encobrindo sua verdadeira posição, será eliminada. Então vocês compreenderão sua verdadeira posição constitucional.

O Senhor Caitanya Mahāprabhu recomendava: *ceto-darpaṇa-mārjanam*. *Mārjanam* significa “limpar”, e *darpaṇa* significa “espelho”. O coração é um espelho. Ele é como uma câmera. Assim como uma câmera tira todos os tipos de fotos de dias e noites, da mesma forma o nosso coração tira fotos e as mantém num estado inconsciente. Os psicólogos sabem disso. O coração tira muitas fotos, e por isso fica coberto. Nós não sabemos quando isso começou, mas é um fato que, por haver o contato com a matéria, nossa identidade verdadeira fica coberta. Portanto é preciso limpar o coração. Há diferentes processos para limpar o coração — o processo *jñāna*, o processo da *yoga*, o processo da meditação, atividades piedosas. *Karma* também purifica o coração. Se alguém age mui piedosamente, seu coração purifica-se gradualmente. Mas embora esses processos sejam recomendados para purificar o coração, nesta era todos eles são muito difíceis. Para seguir o caminho do conhecimento filosófico, é preciso tornar-se um acadêmico muito erudito, é preciso ler muitos livros,

recorrer a professores e acadêmicos eruditos e especular. É preciso encontrar uma pessoa que tenha visto a luz. Assim, todos esses são processos filosóficos. A meditação também é um processo recomendado. Deve-se perguntar: “Quem sou eu?” Considerem: eu sou este corpo? Não. Eu sou este dedo? Não, este dedo é *meu*. Se você meditar sobre sua perna, verá: “Ah, esta perna é *minha*”. De modo semelhante, você verá que tudo é “meu”. E onde está esse “eu”? Tudo é meu, mas onde está esse “eu”? Quando alguém busca esse “eu”, isso é meditação. Meditação verdadeira significa concentrar todos os sentidos dessa maneira. Mas esse processo de meditação é muito difícil. É preciso controlar os sentidos. Os sentidos nos estão arrastando para fora, e precisamos trazê-los para dentro para a introspecção. Portanto, existem oito processos no sistema de *yoga*. O primeiro consiste em controlar os sentidos através de princípios regulativos. Depois vêm as posturas sentadas — isso ajudará a concentrar a mente. Se a pessoa senta-se curvada, isso não ajudará; se ela senta-se ereta, isso ajudará. Depois vem o controle da respiração, depois a meditação, depois o *samādhi*. Mas hoje em dia esses processos são muitíssimo difíceis. Ninguém pode executá-los imediatamente. Os chamados processos de *yoga* são fragmentários — apenas as posturas sentadas e alguns exercícios respiratórios são praticados. Mas isso não pode nos levar ao estágio de perfeição. O verdadeiro processo de *yoga*, apesar de ser um processo védico recomendado, é muito difícil nesta era. De modo semelhante, pode-se tentar obter conhecimento através do processo filosófico especulativo: “Isto é Brahman, isso não é Brahman. Então o que é Brahman? O que é alma espiritual?” Tal discussão filosófica empírica também é recomendada mas é inútil nesta era.

Portanto Caitanya Mahāprabhu — não apenas Caitanya Mahāprabhu, mas também a literatura védica — diz: *harer nāma harer nāma harer nāmaiva kevalam / kalau nāsty eva nāsty eva nāsty eva gatir anyathā. Kalau* significa “nesta era”. *Nāsty eva, nāsty eva, nāsty eva* — três vezes *nāsty eva*. *Eva* significa “certamente”, e *nāsti* significa “não”. “Certamente não, certamente não, certamente não”. O que é este “certamente não”? Uma pessoa não pode se realizar através de *karma*. Este é o primeiro “certamente não”. Uma pessoa não pode se realizar através de *jñāna*. Este é o segundo “certamente não”. Uma pessoa não pode se realizar através de *yoga*. Certamente não. *Kalau* significa “nesta era”. Nesta era, uma pessoa certamente não pode alcançar o sucesso por nenhum desses três métodos. Qual é, então, o processo recomendado? Simplesmente cantem o *mantra* Hare Kṛṣṇa. *Kevalam* significa “somente”. Simplesmente cantem Hare Kṛṣṇa. Este é o processo mais fácil e mais sublime. Ele é recomendado, prático e autorizado. Então adotem-no. Aceitem-no em qualquer condição de vida. Cantem. Não há gastos, nem perdas. Nós não estamos cantando em segredo. Não. É algo aberto. E cantando vocês purificarão seu coração.

Neste mundo material ninguém quer miséria, mas ela vem. Inesperadamente, como um incêndio na floresta que começa sem ninguém ter acendido um fósforo, ela vem. Ninguém quer guerras, mas deflagram-se guerras. Ninguém quer fome, mas existe fome. Ninguém quer pestes, mas elas aparecem. Ninguém quer lutar, mas luta-se. Ninguém quer mal-entendidos, mas eles acontecem. Por que? Isso é algo parecido com um incêndio na floresta. E esse incêndio não pode ser apagado por extintores. Este fogo ardente de problemas não pode ser extinto por nosso dito avanço de conhecimento. Não. Isso não é possível. Assim como não se pode extinguir um incêndio de floresta enviando-se um corpo de bombeiros ou trazendo água, os problemas de nossa vida não podem ser resolvidos através de processos materiais.

Há muitos exemplos disso. Prahlāda Mahārāja diz: “Meu caro Senhor, na verdade o pai e a mãe não são os protetores dos filhos”. O pai e a mãe cuidam de seus filhos; este é o dever deles. Mas eles não são os protetores finais. Quando a lei da natureza chama o filho, o pai e a mãe não podem protegê-lo. Portanto, embora geralmente se considere um fato que o pai e a mãe são os protetores do filho, na verdade isso não é exato. Se alguém está velejando no oceano e pensa que tem um assento muito confortável, isso o protegerá? Não. Mesmo assim ele poderá afundar. Um belo avião está voando no céu, todos estão seguros, mas de repente ele se espatifa no solo. Nenhuma coisa material pode nos proteger. Suponhamos que alguém esteja doente. Ele poderá consultar um bom médico que lhe dará bons remédios mas isso não garante que ele viverá. Qual é, então, a garantia final? Prahlāda Mahārāja diz: “Meu caro Senhor, se Vós negligenciais alguém, nada pode protegê-lo”.

Esta é nossa experiência prática. Podemos inventar muitos métodos para solucionar os problemas apresentados pelas leis da natureza material, mas esses métodos não são suficientes. Eles jamais solucionarão todos os problemas, tampouco darão alívio verdadeiro. Este é o fato. Portanto Kṛṣṇa diz no *Bhagavad-gītā*, “*Māyā*, esta energia externa, é muitíssimo forte. Ninguém pode superá-la. Isso é quase impossível”. Como, então, pode alguém livrar-se desta natureza material? Kṛṣṇa diz: “Simplesmente por se render a Mim, a pessoa pode aliviar-se da investida da natureza material”. Isso é um fato. De modo que temos de purificar o coração para aprender qual é a nossa relação com Deus.

No *Kaṭha Upaniṣad* se afirma: a Suprema e Absoluta Personalidade de Deus, ou a Verdade Absoluta, é eterna. Deus é eterno, e nós também somos eternos. Mas os *Vedas* indicam que Ele é a criatura viva suprema. Ele não está morto. Se Ele não estivesse vivendo, como este mundo funcionaria? No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa diz, “As coisas acontecem sob Minha supervisão”. Na Bíblia também se diz, “Deus criou”. Isso é um fato. Não que em determinado momento tivesse surgido um pedaço cósmico e depois isso aconteceu e depois aquilo. Não. Os *Vedas* dizem-nos os fatos reais, mas temos de abrir os olhos para vê-los *Ceto-darpaṇa-mārjanam*. Esse é o processo para limpar nossos corações. Quando purificarmos os nossos corações, seremos capazes de compreender o que Kṛṣṇa e os *Vedas* dizem. Precisamos nos purificar. Se um homem está padecendo de icterícia e você lhe dá um pedaço de açúcar cande, ele dirá que o açúcar está muito amargo. Mas o açúcar cande é amargo? Não, ele é muito doce. E o remédio para a icterícia é o açúcar. A ciência moderna prescreve esse remédio, que também é prescrito na literatura védica. Então se tomamos uma grande quantidade de açúcar cande, seremos aliviados da icterícia. E quando nos curarmos, diremos: “Oh! isso é muito doce”. De forma que a icterícia moderna de uma civilização ateuista pode ser curada por este cantar de Hare Kṛṣṇa. No começo pode parecer amargo, mas, à medida que avançarmos veremos como é agradável.

Tão logo alguém compreenda sua identidade, sua relação com Deus, imediatamente ele se torna feliz. Nós somos tão cheios de misérias porque nos identificamos com o mundo material. Por isso somos infelizes. As ansiedades e o temor devem-se ao fato de nos identificarmos falsamente com o mundo material. Outro dia eu estava explicando que aquele que se identifica com esta bolsa de ossos e pele é como um animal. Assim, por se cantar Hare Kṛṣṇa, este mal-entendido será eliminado. Purificação do coração significa compreender que não pertencemos a este mundo material. *Aham brahmāsmi*: eu sou alma espiritual. Enquanto nos identificamos com a Inglaterra, com a Índia ou com os Estados Unidos, isso é ignorância. Hoje você é um inglês porque nasceu na Inglaterra, mas em sua próxima vida talvez você não nasça na Inglaterra; talvez você nasça na China ou na Rússia ou em algum outro país. Ou talvez você nem consiga esta forma de vida humana. Hoje você é um nacionalista, você é um grande seguidor de seu país, mas amanhã, se você permanecer em seu país, talvez você seja uma vaca sendo levada para o matadouro.

De modo que temos de conhecer completamente a nossa identidade. Caitanya Mahāprabhu diz que a verdadeira identidade de toda criatura viva é que ela é serva eterna de Deus. Se alguém pensa assim — “eu não sou servo de ninguém; minha função é servir a Deus” — então ele é liberado. Seu coração será imediatamente purificado, e ele será liberado. E depois que ele tiver chegado a esse ponto, então todas as suas preocupações e ansiedades neste mundo terão terminado por ele saber: “Eu sou servo de Deus. Deus dar-me-á proteção. Por que deveria eu me preocupar com algo?” É como o caso de uma criança. A criança sabe que seu pai e sua mãe tomarão conta dela. Ela é livre. Se por acaso ela fosse tocar o fogo, sua mãe cuidaria dela: “Oh! meu querido filho, não toque aí”. A mãe está sempre cuidando dele. Por que, então, vocês não depositam sua confiança em Deus? Na verdade, vocês estão sob a proteção de Deus.

As pessoas vão à igreja e dizem: “Deus, dai-nos o pão nosso de cada dia”. Na realidade, se Ele não nos desse isso, não seríamos capazes de viver. Isso é um fato. Os *Vedas* também dizem que a Personalidade Suprema unicamente fornece todos os víveres para cada uma das criaturas vivas. Deus está fornecendo alimento a todos. Nós, seres humanos, temos nossos problemas econômicos, mas que problema econômico existe em sociedades além da sociedade humana? A sociedade dos pássaros não tem problemas econômicos. Os quadrúpedes não têm problemas econômicos. Existem 8.400.000 espécies de vida, e entre essas espécies, a sociedade humana é muitíssimo pequena. De modo que eles têm criado problemas — o que comer, onde dormir, como copular, como defender-se. Esses são os nossos problemas, mas a maioria das criaturas — os seres aquáticos, os peixes, as plantas, os insetos, as aves, os quadrúpedes e os muitos e muitos milhões de outras criaturas vivas, não têm esses problemas. Elas também são criaturas vivas. Não pensem que elas são diferentes de nós. Não é verdade que nós, seres humanos, somos as únicas criaturas vivas e que todas as outras criaturas são mortas. Não. E quem lhes está fornecendo alimento e abrigo? É Deus. As plantas e os animais não estão indo ao escritório. Eles não vão à universidade para obter educação tecnológica a fim de ganhar dinheiro. Como, então, eles estão comendo? Deus está suprindo. O elefante come centenas de quilos de alimento. Quem está suprindo tudo isso? Vocês estão fazendo arranjos para o elefante? Existem milhões de elefantes. Quem está suprindo?

Assim, o processo de reconhecer que Deus está suprindo tudo é melhor do que pensar: “Deus está morto. Por que deveríamos ir à igreja e orar a Deus pelo pão?” No *Bhagavad-gītā* se diz: “Quatro tipos de pessoas vêm a Kṛṣṇa: o aflito, aqueles que precisam de dinheiro, o sábio e o curioso”. Aquele que é curioso, aquele que é sábio, aquele que está aflito e aquele que está precisando de dinheiro — essas quatro classes de homens aproximam-se de Deus. “Meu querido Deus, estou com muita fome. Dai-me o pão de cada dia”. Isso é bom. Aqueles que se aproximam de Deus dessa maneira são chamados de *sukṛtinaḥ*. *Sukṛtī* significa “piedoso”. Eles são piedosos. Embora estejam pedindo dinheiro, alimento, eles são considerados piedosos porque estão se aproximando de Deus. E os outros são justamente o oposto. Eles são *duṣkṛtinaḥ*, ímpios. *Kṛtī* significa “muito meritório”, mas a palavra *duṣkṛtī* indica que a energia deles está sendo mal usada para criar estragos. É algo parecido com o homem que inventou as bombas atômicas. Ele tem um cérebro, mas esse cérebro foi mal usado. Ele criou algo terrível. Criem algo que assegure que o homem não mais terá de morrer. Para que serve criar algo para que milhões de pessoas morram imediatamente? Elas morrerão hoje ou amanhã ou depois de cem anos. Que fizeram, então, os cientistas? Criem algo para que o homem não morra imediatamente, para que não haja mais doenças, para que não haja mais velhice. Então vocês terão feito algo. Mas os *duṣkṛtinas* jamais se dirigem a Deus. Eles jamais tentam compreender Deus. Portanto a energia deles está sendo mal orientada.

Os materialistas grosseiros que ignoram sua relação com Deus são descritos no *Bhagavad-gītā* como *mūḍhas*. *Mūḍha* significa “asno”, “burro”. Aqueles que estão trabalhando mui arduamente para ganhar dinheiro são comparados ao burro. Eles comem quatro *capātis* (pães tipo panqueca feitos de trigo integral) diariamente, mas estão desnecessariamente trabalhando para ganhar milhares de dólares. E há outros que são descritos como *narādhama*. *Narādhama* significa “os mais baixos da humanidade”. A forma humana de vida destina-se à compreensão de Deus. O homem tem o direito de tentar compreender Deus. Aquele que compreende Brahman, Deus, é um *brāhmaṇa*, e não os outros. De forma que este é o dever desta forma de vida humana. Em toda sociedade humana há algum sistema que é chamado “religião” e através do qual pode-se tentar compreender Deus. Não importa se este sistema é a religião cristã, a religião maometana ou a religião hindu. Isso não importa. O sistema é compreender Deus e nossa relação com Ele. Isso é tudo. Este é o dever dos seres humanos, e se este dever é ignorado na sociedade humana, então esta é uma sociedade animal. Os animais não têm capacidade para compreender o que é Deus e qual é sua relação com Deus. Seus únicos interesses são comer, dormir, copular e defender-se. Se estamos apenas preocupados com essas coisas, então o que somos? Somos animais. Portanto, o *Bhagavad-gītā* diz que aqueles que ignoram esta oportunidade são “os mais baixos da humanidade”. Eles obtiveram esta forma humana de vida após evoluírem através de 8.400.000 nascimentos e, todavia, não a utilizaram para a compreensão de Deus, mas simplesmente para as propensões animais. Por isso eles são *narādhama*, os mais baixos da humanidade. E há outras pessoas que têm muito orgulho de seu

conhecimento. Mas que é esse conhecimento? “Deus não existe. Eu sou Deus”. Seu conhecimento verdadeiro foi tirado por *māyā*. Se elas são Deus, como, então, elas se tornaram cães? Há tantos argumentos contra elas, mas elas simplesmente desafiam Deus. Ateísmo. Por elas terem adotado o processo do ateísmo, seu conhecimento verdadeiro foi-lhes tirado. Conhecimento verdadeiro significa saber o que é Deus e qual é a nossa relação com Ele. Se uma pessoa não sabe disso, então deve-se compreender que seu conhecimento foi-lhe roubado por *māyā*.

Assim, se tentamos compreender nossa relação com Deus, há caminhos e meios. Há livros e há conhecimento; por que, então, não tirar proveito deles? Todos devem tirar proveito deste conhecimento. Tentem compreender que no *Bhagavad-gītā* e outras literaturas védicas, em toda a parte, se diz que Deus é grande e que embora sejamos qualitativamente iguais a Deus, somos diminutos.

O oceano e a diminuta partícula de água têm a mesma qualidade, mas a quantidade de sal na gota d'água e a quantidade de sal no oceano são diferentes. Elas são qualitativamente iguais, mas quantitativamente diferentes. De modo semelhante, Deus é todo-poderoso, e nós temos algum poder. Deus cria tudo, e nós podemos criar uma pequena máquina para voar, assim como as pequenas máquinas com as quais as crianças brincam. Mas Deus pode criar milhões de planetas voando no ar. Essa é a qualificação de Deus. Você não pode criar nenhum planeta. Mesmo que você pudesse criar um planeta, qual seria o benefício disso? Existem milhões de planetas criados por Deus. Mas você também tem capacidade criativa. Deus tem poder, e você tem poder. Mas o poder d'Ele é tão grande que o seu não pode se comparar ao d'Ele. Se você diz, “eu sou Deus,” isso é tolice. Você pode afirmar que é Deus, mas que atos tão extraordinários você executou para afirmar que é Deus? Isso é ignorância. O conhecimento daquele que se considera Deus foi-lhe tirado pelo encanto de *māyā*. Assim, nossa relação com Deus é que Deus é grande e nós somos diminutos. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa diz claramente: “Todas as entidades vivas são Minhas partes integrantes. Qualitativamente elas são iguais a Mim, mas quantitativamente elas são diferentes de Mim”. De modo que somos simultaneamente iguais a Deus e diferentes d'Ele. Essa é a nossa relação. Somos iguais porque temos as mesmas qualidades que Deus. Mas se nos analisarmos minuciosamente, encontraremos que, apesar de termos algumas grandes qualidades, Deus as tem em maiores quantidades.

Não podemos ter nada que não exista em Deus. Isso não é possível. Portanto, no *Vedānta-sūtra* se diz que tudo que temos também é encontrado em Deus. Tudo emana de Deus. Assim, nossa relação é que, porque somos pequenos, porque somos diminutos, somos servos eternos de Deus. Neste mundo material também, no comportamento comum, vemos que um homem vai e serve a outro homem porque o outro homem é superior a ele e pode pagar-lhe um bom salário. Assim, naturalmente a conclusão é que, se somos pequenos, nosso dever é servir a Deus. Não temos outra coisa a fazer. Somos todos diferentes partes integrantes da entidade original.

Um parafuso que está ligado a uma máquina é valioso porque está funcionando junto com toda a máquina. E se o parafuso é tirado da máquina, ou se está defeituoso, ele é inútil. Meu dedo vale milhões de dólares enquanto esteja ligado a este corpo e esteja servindo ao corpo. Mas se ele é separado do corpo; qual é, então, o seu valor? Nenhum. Analogamente, nossa relação é que somos partículas muito pequenas de Deus; portanto nosso dever é ajustar nossas energias a Ele e cooperar com Ele. Essa é a nossa relação. Caso contrário, somos inúteis. Ficamos separados. Quando o dedo torna-se inútil o médico diz: “Oh! amputemos este dedo. Senão, seu corpo ficará envenenado”. Analogamente, quando nos tornamos ateístas somos separados de nossa relação com Deus e sofremos neste mundo material. Se tentamos juntar-nos novamente ao Senhor Supremo, então nossa relação é revivida.

O amor mais elevado

“Vida espiritual significa estar em contato com o Senhor Supremo e existir em bem-aventurança e conhecimento eternamente. Esse contato eterno significa brincar com Kṛṣṇa, dançar com Kṛṣṇa e amar Kṛṣṇa. Ou então Kṛṣṇa pode tornar-se seu filho — o que você quiser... A menos que possamos amar Kṛṣṇa, que acabemos com o amor aos gatos, cães, pais, nação e sociedade e, em vez disso, concentremos nosso amor em Kṛṣṇa, não há possibilidade de felicidade...”.

Se a pessoa proteger bem a tenra trepadeira do serviço devocional, então gradualmente ela produzirá o fruto do amor puro por Deus. Amor puro ou imaculado a Deus significa amor que não é manchado pelo desejo de benefício material, de mero entendimento filosófico ou de resultados frutivos. Amor imaculado é saber: “Deus é grande, eu sou parte integrante d'Ele, e por isso Ele é meu supremo objeto de amor”. Esta consciência é a perfeição mais elevada da vida humana e o objetivo final de todos os métodos de auto-realização. Se alguém chega a este ponto — Deus é meu único amado, Kṛṣṇa é o único objeto de amor — então sua vida é perfeita. E quando alguém saboreia essa relação transcendental com Kṛṣṇa, ele sente verdadeira felicidade. A trepadeira devocional será então tão fortemente protegida que, simplesmente por agarrar-se a ela, a pessoa será capaz de alcançar o destino supremo. Se subimos firmemente numa árvore, eventualmente chegamos a sua copa. Analogamente, se podemos atingir amor a Deus agarrando-nos a essa trepadeira devocional, não há dúvida de que chegaremos à morada transcendental de Kṛṣṇa e nos associaremos com Ele pessoalmente, assim como estamos nos associando agora, face a face.

Deus não é fictício ou imaginário. Ele é tão real como nós (Na verdade, nós estamos sob ilusão; estamos vivendo como se este corpo fosse nosso eu verdadeiro, embora este corpo não seja absolutamente uma realidade, mas apenas uma manifestação temporária.) Ousamos presumir que Deus não existe ou que Ele não tem forma. Esta especulação mental deve-se a um pobre fundo de conhecimento. O Senhor Kṛṣṇa e Sua morada existem, e pode-se ir lá, chegar até

Ele e associar-se com Ele. Isso é um fato. Vida espiritual significa estar na companhia do Senhor Supremo e existir em bem-aveuturança e conhecimento eternamente. Essa associação eterna significa brincar com Kṛṣṇa, dançar com Kṛṣṇa e amar Kṛṣṇa. Ou então Kṛṣṇa pode tornar-Se seu filho — o que você quiser.

Há cinco relações primárias com Kṛṣṇa: como devoto passivo, como servo, como amigo, como pai ou mãe e como amante. As vacas na morada de Kṛṣṇa também são almas liberadas. Elas são chamadas vacas *surabhi*. Há muitos quadros populares que mostram como Kṛṣṇa ama as vacas, como Ele as abraça e as beija. Essa relação passiva com Kṛṣṇa chama-se *sānta*. Sua felicidade perfeita é atingida quando Kṛṣṇa vem e simplesmente as toca.

Outros devotos sentem-se inclinados a realmente prestar serviço. Eles pensam: “Kṛṣṇa quer sentar-Se. Vou arrumar um lugar para Ele. Kṛṣṇa quer comer. Vou fazer-Lhe uma comida gostosa”. E eles realmente fazem esses arranjos. Outros devotos brincam com Kṛṣṇa como amigos em termos de igualdade. Eles não sabem que Kṛṣṇa é Deus; para eles, Kṛṣṇa é seu amado amigo, e eles não podem se esquecer dEle nem um momento. O dia inteiro e a noite inteira, eles pensam em Kṛṣṇa. À noite, quando estão dormindo eles pensam: “Oh! de manhã eu vou brincar com Kṛṣṇa!” E quando vem a manhã eles vão para casa de Kṛṣṇa e esperam ali enquanto Kṛṣṇa é decorado por Sua mãe antes de sair para brincar com Seus amigos nos campos. Não há outra atividade em Kṛṣṇaloka (a morada de Kṛṣṇa). Não há indústrias, ninguém corre para o escritório, nem faz nenhum disparate desse gênero. Há leite e manteiga suficientes, e todos comem copiosamente. Kṛṣṇa gosta muito de Seus amigos, e às vezes Ele Se diverte, roubando manteiga para eles. Pode-se realmente viver dessa maneira, e essa é a perfeição da existência. Devemos ansiar por esse estágio de perfeição da vida. A consciência de Kṛṣṇa é o processo para se alcançar isso.

Mas enquanto se tem mesmo um leve apego a este mundo material, tem-se de permanecer aqui. Kṛṣṇa é muito estrito. Ele não permite que ninguém que tenha algum vestígio da concepção material da vida entre em contato com Ele. *Bhakti* tem de ser isento de contaminação material. Não pensem: “Eu sou um acadêmico muito erudito. Vou descobrir o que é a Verdade Absoluta através da especulação mental”. Isso é disparate; a pessoa continuará especulando, especulando e jamais encontrará a fonte de todas as fontes. É dito no *Brahma-saṁhitā*: “Pode-se continuar especulando sobre a Verdade Absoluta por milhões e milhões de anos, e ainda assim ela não será revelada”. A pessoa pode apodrecer neste mundo material como está apodrecendo agora e pode continuar especulando, mas este não é o processo correto. Eis aqui o processo — *bhakti-yoga*.

O Senhor Caitanya diz que prestar serviço devocional a Kṛṣṇa é o mais elevado estágio de perfeição da vida, e comparadas a este processo, as outras coisas pelas quais as pessoas anseiam neste mundo material são como bolhas no oceano. De um modo geral, as pessoas andam atrás de recompensas, e por isso se tornam religiosas. Elas dizem: “eu sou hindu”, “eu sou cristão”, “eu sou judeu”, “eu sou maometano”, “eu sou isso, eu sou aquilo, e por isso não posso mudar minha religião. Não posso aceitar Kṛṣṇa”. Isso se chama religiosidade, *dharma*. Com essa idéia sectária e materialista de religião, elas apodrecerão neste mundo material, presas aos rituais e à fé. Elas têm a impressão de que, se seguirem seus princípios religiosos, obterão prosperidade material. Evidentemente, se alguém se atém a algum tipo de fé religiosa obterá facilidades para a vida material.

Por que as pessoas querem esta prosperidade material? Para o gozo dos sentidos. Elas estão pensando: “Vou conseguir uma boa esposa. Vou ter muitos filhos. Vou ter uma boa posição. Vou tornar-me o presidente. Vou tornar-me primeiro ministro”. Isso é gozo dos sentidos. E quando a pessoa está frustrada e vê que ser rico ou alcançar a presidência não podem lhe dar felicidade, depois de espremer todo o gosto da vida sexual, quando ela está completamente frustrada, então talvez ela adote o LSD e tente tornar-se uma com o vazio. Mas este disparate não pode dar felicidade. Eis aqui a felicidade: é preciso aproximar-se de Kṛṣṇa. Senão, isso vai acabar em confusão de LSD e perambulação em conceitos impessoais vazios. As pessoas estão frustradas. É inevitável que elas se frustrem caso não tenham vida espiritual genuína, porque uma pessoa é espiritual por natureza.

Como pode alguém ser feliz sem Kṛṣṇa? Suponhamos que alguém é atirado no oceano. Como ele poderá ser feliz ali? O oceano não é para nós. Talvez ele seja um bom nadador, mas quanto tempo será capaz de nadar? Ele eventualmente vai se cansar e afundar. Analogamente, nós somos espirituais por natureza. Como poderemos ser felizes neste mundo material? Isso não é possível. Mas os homens estão tentando permanecer aqui, fazendo muitos ajustes temporários para a sobrevivência. Esta mixórdia não é felicidade. Se realmente queremos felicidade, eis aqui o processo: é preciso alcançar amor por Deus. Se não pudermos amar Kṛṣṇa, se não acabarmos com o amor pelos gatos, cães, páss, nação e sociedade e, em vez disso, concentrarmos nosso amor em Kṛṣṇa, não haverá possibilidade de felicidade. Rūpa Gosvāmī dá um ótimo exemplo a este respeito: há muitas drogas que nos saturam de idéias ou alucinações. Mas Rūpa Gosvāmī diz que a não ser que provemos essa droga final do amor a Deus, *kṛṣṇa-prema*, teremos de ser cativados pela meditação, pelo monismo impessoal e por tantas outras loucuras.

Caitanya Mahāprabhu descreve que para se atingir amor imaculado por Kṛṣṇa, é preciso executar serviço devocional, ou consciência de Kṛṣṇa. É preciso ocupar-se exclusivamente em servir a Kṛṣṇa. O mais elevado estágio de perfeição de devoção imaculada é livrar-se de todos os desejos materiais, toda a especulação mental e todas as atividades frutivas. O princípio básico da devoção imaculada é que não podemos manter nenhum desejo além do desejo de tornar-nos totalmente conscientes de Kṛṣṇa. Mesmo que saibamos que todas as outras formas de Deus também são Kṛṣṇa, não devemos adorar nenhuma outra forma, mas devemos nos concentrar na forma de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa tem muitas formas, mas apenas temos de adorar Kṛṣṇa em Sua forma com a flauta, como na Deidade Rādhā-Kṛṣṇa. Simplesmente se concentre nessa forma, que toda a especulação mental e atividades frutivas desaparecerão. Temos de cultivar a consciência de Kṛṣṇa favoravelmente, e isso significa executar serviço que satisfaça a Kṛṣṇa. A consciência de Kṛṣṇa não é alcançada inventando-se um método próprio. Eu posso pensar que estou fazendo algo em consciência de Kṛṣṇa, mas quem sancionou isso? Por exemplo, no *Bhagavad-gītā*, Arjuna hesitou em lutar, por certos motivos

morais, mas ele estava analisando a situação a partir da plataforma de atividades fruitivas, na qual tem-se que desfrutar ou sofrer os resultados. Ele estava considerando que se matasse os membros de sua família, ficaria então sujeito a muitas reações. Esta conclusão, contudo, não fora sancionada por Kṛṣṇa. A lei da ação e reação no mundo material chama-se *karma*, mas o serviço devocional transcende o *karma*.

O amor imaculado tem de estar livre de todas as nódoas de atividades fruitivas (*karma*) e de todas as nódoas de especulação mental e desejo material. Esse serviço devocional imaculado deve fixar-se favoravelmente em Kṛṣṇa. “Favoravelmente” significa de acordo com o que Ele deseja. Kṛṣṇa desejou que acontecesse a Guerra de Kurukṣetra; tudo isso foi planejado por Ele. Ele disse a Arjuna: “Tu estás pensando à tua própria maneira, mas mesmo que não lutes, tens certeza de que, por esta batalha ter sido planejada por Mim, nenhum desses guerreiros que estão aqui reunidos voltarão para suas casas. Eles serão mortos aqui. Isso já foi planejado”. O desejo de Deus é tal que ninguém pode mudá-lo. Kṛṣṇa tem duas qualidades: Ele pode proteger, e Ele também pode matar. Se Ele quer matar alguém, não há poder no mundo que possa proteger essa pessoa, e se Ele protege alguém, não há poder no mundo que possa matar essa pessoa. O desejo de Kṛṣṇa é supremo. Por isso, temos de ajustar nossos desejos ao desejo de Kṛṣṇa. O que quer que Kṛṣṇa deseje, ninguém pode anular ou tornar vazio porque Ele é o Senhor Supremo. Portanto, nosso dever é ajustar nossos atos ao desejo de Kṛṣṇa, e não inventar uma ação e depois declarar: “estou fazendo essa ação em consciência de Kṛṣṇa”. Temos de ser muito cuidadosos ao verificar se Kṛṣṇa realmente quer que façamos isso. Esse conhecimento autorizado é ensinado pelo representante de Kṛṣṇa. Em nossas orações em louvor ao mestre espiritual, cantamos diariamente: “Se o mestre espiritual está satisfeito, então Deus estará satisfeito. Se alguém não satisfizer o mestre espiritual, não haverá como satisfazer Deus”.

Portanto, à medida do possível, temos que cumprir a ordem de nosso mestre espiritual. Isso nos capacitará a progredir. Essa é a essência da execução favorável de consciência de Kṛṣṇa. Em minha velhice, vim para os Estados Unidos, e estou tentando ensinar a consciência de Kṛṣṇa porque meu mestre espiritual deu-me uma ordem de que devia fazer isso. Esse é meu dever. Eu não sei se terei sucesso ou fracassarei. Isso não me importa; meu dever estará cumprido se eu puder apresentar a vocês tudo o que ouvi de meu mestre espiritual. Isso se chama execução favorável de consciência de Kṛṣṇa. Aqueles que são realmente sérios devem tomar a ordem de Kṛṣṇa, através do representante de Kṛṣṇa, como toda a sua vida e alma. Aquele que se mantém fiel a este princípio certamente avança. Caitanya Mahāprabhu falava dessa maneira, e meu mestre espiritual costumava dizer: “O mestre espiritual é o intermediário transparente”. Por exemplo, eu posso ver muito bem as letras deste livro através de meus óculos transparentes, sem os quais não poderia ver porque meus olhos são defeituosos. Analogamente, todos os nossos sentidos são defeituosos. Não podemos ver Deus com nossos olhos, não podemos ouvir Hare Kṛṣṇa com nossos ouvidos, não podemos fazer nada sem o intermédio do mestre espiritual. Assim como o olho defeituoso não pode ver sem o intermédio dos óculos, da mesma forma não podemos nos aproximar do Senhor Supremo sem o intermédio transparente do mestre espiritual. “Transparente” significa que o intermédio tem que ser isento de contaminação. Se ele é transparente, podemos ver através dele.

No amor imaculado a Deus temos de ocupar nossos sentidos — *sarvendriya*, todos os sentidos. Isso significa que o sexo também deve ser ocupado na consciência de Kṛṣṇa. A concepção de Deus como pai ou mãe não permite a ocupação do sexo no serviço ao Senhor porque não há relação sexual com o pai ou a mãe. Mas na concepção de Deus como amante, há ocupação sexual também. Portanto, Caitanya Mahāprabhu deu a mais perfeita informação sobre nossa ocupação no serviço ao Senhor Supremo. Em outras concepções religiosas de vida, Deus é no máximo considerado como pai ou mãe. Muitos adoradores na Índia consideram a deusa Kālī a representação de Deus. Evidentemente, isso não é sancionado, mas a crença existe, e também na religião cristã a concepção de Deus é como o pai. Mas Caitanya Mahāprabhu nos informa que se pode inclusive ter ocupação sexual com Deus. Esta informação é a contribuição única de Caitanya Mahāprabhu. Neste mundo material, a ocupação sexual é considerada a ocupação mais elevada, o maior prazer, embora exista apenas sob forma perversa. Ninguém, entretanto, concebe que possa haver ocupação sexual no mundo espiritual. Não há um exemplo sequer de tal teologia em parte alguma do mundo inteiro. Esta informação foi dada pela primeira vez por Caitanya Mahāprabhu: pode-se ter a Suprema Personalidade de Deus como esposo, como amante. Isso é possível na adoração a Rādhā e Kṛṣṇa, mas ninguém, especialmente os impersonalistas, pode compreender Rādhā-Kṛṣṇa. Os impersonalistas não fazem idéia do que seja Rādhā-Kṛṣṇa; eles não podem sequer conceber que Deus tem forma. Mas Caitanya Mahāprabhu diz que Deus não somente tem forma, mas também tem vida sexual. Esta é a contribuição máxima de Caitanya Mahāprabhu.

Podemos servir ao Senhor Supremo em vários relacionamentos, mas no mundo material esses relacionamentos existem apenas como reflexos perversos. Qual é a nossa ocupação em relação a este mundo material? Que são as nossas idéias de sociedade, amizade e amor? Todas elas baseiam-se na concepção material da vida. Em nossa sociedade, alguém ocupa-se como pai ou mãe de um filho, e outros ocupam-se como esposo e esposa, amante e amada. Há também outras *rasas* (relações), tais como ser inimigo de outrem. Existem doze relações diferentes, das quais cinco são predominantes. As outras setes são relações indiretas, tais como, por exemplo, ser inimigo de alguém. Normalmente há uma relação entre inimigos, mesmo entre assassino e assassinado. Quanto a nossa relação com Kṛṣṇa, entretanto, mesmo que estabeleçamos uma relação de inimigo de Ele nossa vida é bem-sucedida. Portanto, quando ocupamos nossos sentidos em Kṛṣṇa, podemos estabelecer uma relação em uma das doze variedades diferentes, das quais cinco variedades são diretas e sete, indiretas.

Quando Kṛṣṇa apareceu na arena de Kaṁsa, havia muitos lutadores famosos preparados para matá-lo. De fato, Ele fora convidado para ali ser morto. Seu inimigo Kaṁsa pensou: “Brevemente os meninos virão. Há dezesseis anos temos tentado matá-los, mas não foi possível matar esse menino Kṛṣṇa. Agora, porém, convidei-O para ser meu

hóspede, e quando Ele chegar enfrentará esses lutadores, que O matarão.” As pessoas demoníacas ou ateístas estão sempre pensando em Kṛṣṇa, ou Deus, em termos de O matar. Por isso elas apresentam suas teorias de que Deus está morto. Elas acham que se Deus estiver morto, então elas terão liberdade de agir como desejarem. Mas, quanto as suas verdadeiras atividades, Deus pode estar vivo ou morto, mas o agente de Deus, a energia material, é tão forte que ninguém pode fazer qualquer coisa errada livremente. Assim que alguém faz algo errado, há castigo imediato. Para isso, não é necessária a presença de Deus. Deus pode estar vivo ou morto, mas a energia material é suficiente para castigar qualquer um que viole as leis materiais, mesmo no menor grau. Deus estabeleceu essas condições, mas as pessoas tolas não entendem isso.

O Senhor Caitanya, entretanto, fala de ocupar favoravelmente todos os sentidos no serviço a Kṛṣṇa em vida devocional pura. Devemos ocupar favoravelmente nossos sentidos e devemos fazer tudo o que Kṛṣṇa queira. Contudo, mesmo que ocupemos nossos sentidos contra a vontade de Kṛṣṇa mas ainda assim pensemos em Kṛṣṇa, isso também é vantajoso. A demônia Pūtanā, por exemplo, pensou em matar Kṛṣṇa. Assim como a ocupação das pessoas divinas é servir a Deus, da mesma forma os demônios e ateístas estão sempre dispostos a matar Deus. Pūtanā pensou: “Vou matar Kṛṣṇa. Ele não passa de uma criança”. Este é outro equívoco das pessoas demoníacas. Elas pensam que Kṛṣṇa, ou Deus, é uma criança ou homem comum. De modo que Pūtanā estava pensando dessa maneira: Vou untar meu seio com veneno, e, quando o menino for sugar meu leite, Ele morrerá”. Quando analisamos isto, vemos que ela se aproximou de Kṛṣṇa como Seu inimigo, e todavia Ele aceitou-a como amiga porque Ele é muito misericordioso. Ele não aceitou a parte demoníaca de sua mentalidade, contudo a aceitou. Toda entidade viva é condicionada, mas Kṛṣṇa não. Um médico ou psiquiatra trata de loucos, mas ele não enlouquece. Às vezes pode ser que um paciente fique zangado com ele ou o xingue, mas o médico mantém-se sóbrio e simplesmente trata dele. Analogamente, se alguém considera Kṛṣṇa seu inimigo, Kṛṣṇa não Se torna inimigo dessa pessoa.

Pūtanā veio envenenar Kṛṣṇa, mas Ele aceitou isso de outra maneira. Ele pensou: “Acabo de sugar o leite do seio dela. Por isso ela passa a ser Minha mãe”. Kṛṣṇa tratou-a como Sua mãe, e por isso ela se liberou, alcançando a mesma posição que a verdadeira mãe de Kṛṣṇa, Yaśodā. A conclusão é que a perfeição mais elevada é estabelecer uma relação favorável com Kṛṣṇa, mas mesmo que a pessoa se ocupe desfavoravelmente, Kṛṣṇa é tão misericordioso que pelo menos lhe dá a salvação. Todos os inimigos mortos por Kṛṣṇa foram imediatamente liberados.

Duas classes de homens podem fundir-se no *brahmajyoti* impessoal: aquele que está intencionalmente aspirando a fundir-se no *brahmajyoti* impessoal pode entrar, e aqueles que são inimigos de Kṛṣṇa e são mortos por Ele também o podem. Portanto, o devoto conclui por que deveria eu aceitar uma condição que é oferecida até mesmo aos inimigos de Deus?

Caitanya Mahāprabhu recomenda o serviço devocional puro. Não deve haver desejo de satisfazer nossos próprios desejos materiais, não deve haver tentativa de compreender Kṛṣṇa através da filosofia experimental e não deve haver atividades frutivas com o fim de obter benefícios materiais de Kṛṣṇa. O único desejo deve ser servi-LO favoravelmente, como Ele desejar. Se Kṛṣṇa quiser algo, então devemos fazê-lo. Suponhamos que eu pedisse a um discípulo, “Meu caro estudante, por favor, traga-me um copo d’água”. Então o dever dele seria trazer-me um copo d’água. Se ele pensar, “Prabhupāda quer um copo de água, mas por que não lhe dar algo melhor? Por que não um copo de leite quente?”, isso não seria serviço. Em sua consideração, o leite quente é gostoso e melhor que a água, todavia, porque eu lhe pedi água, ele tem de me dar água, e não leite. Isso é serviço favorável. Temos de compreender o que Kṛṣṇa quer. Quando há essa relação íntima, então pode-se servir a Kṛṣṇa muito favoravelmente. E enquanto não haja essa relação íntima, é preciso informar-se do que Kṛṣṇa quer através do meio transparente do mestre espiritual.

O vaiṣṇava jamais pensa que tem uma relação direta com Kṛṣṇa. O Senhor Caitanya diz, “Eu sou servo do servo do servo — uma centena de vezes servo do servo — de Kṛṣṇa”. Temos de concordar em nos tornar o servo do servo do servo. Este é o processo da sucessão discipular, e se alguém quer real e transcendental amor a Deus, então ele tem de adotar este processo. Porque as pessoas não aceitam este processo, elas não desenvolvem verdadeiro amor a Deus. Elas falam de Deus, mas na verdade não amam a Deus; porque não há cultivo de serviço devocional puro, elas amam aos cães.

Nós podemos dizer, “amor a Deus”, mas a menos que adotemos este princípio, teremos de amar a nosso cão, e não a Deus. Este é o erro. Caitanya Mahāprabhu diz que se alguém quer realmente amor a Deus, então ele tem de seguir o processo do serviço devocional puro. Não é que Caitanya Mahāprabhu esteja falando com base em Sua própria invenção mental; Suas afirmações são confirmadas em escrituras védicas tais como o *Nārada-pañcarātra* e o *Śrīmad-Bhāgavatam*. Esses dois livros, e o *Bhagavad-gītā*, são escrituras muito autênticas destinadas aos devotos. Caitanya Mahāprabhu faz uma citação de um verso do *Nārada-pañcarātra* em que se diz que temos de ocupar nossos sentidos: não é que precisemos ocupar apenas nossa mente. Se alguém diz, “estou sempre pensando em Kṛṣṇa,” isso não é serviço devocional puro. Meditação é pensar, mas ninguém pensa em Kṛṣṇa; eles pensam no vazio ou em algo impessoal. Se alguém está pensando em Kṛṣṇa ou Nārāyaṇa ou Viṣṇu, como é prescrito nas escrituras védicas, isso é *yoga* verdadeira; meditação ióguica significa focalizar a mente na Superalma. A Superalma é a representação de Kṛṣṇa sob a forma de Nārāyaṇa de quatro braços. Mesmo Patañjali, uma autoridade sobre o sistema de *yoga*, prescreve a meditação em Viṣṇu. Mas assim como as pessoas estão inventando processos religiosos falsos, os pretensos *yogīs* de hoje em dia têm inventado seu próprio modo de pensar em algo vazio.

Mas o *Nārada-pañcarātra* diz, *hṛṣikeṇa hṛsikeśa-sevanām*: devemos ocupar não apenas nossa mente, como também nossos sentidos. Ocupe os sentidos no serviço ao senhor dos sentidos. Essas três palavras sânscritas são muito significativas. *Hṛsikeśa* significa “o Senhor dos sentidos”. De modo que *bhakti-yoga* significa servir com os sentidos ao Senhor dos sentidos. O Senhor dos sentidos é Kṛṣṇa. Devemos sempre nos lembrar de que temos nossos sentidos

porque queremos desfrutar deste mundo material, e por isso o Senhor nos dá um conjunto particular de sentidos para nosso desfrute. O porco tem um tipo particular de corpo e sentidos porque quis desfrutar de comer excremento. De modo semelhante, um homem tem um tipo particular de corpo e sentidos porque quis desfrutar de algo mais. Temos um conjunto particular de sentidos condicionados com os quais podemos desfrutar deste mundo material, e isto é o que temos de purificar. Nossos sentidos são originais, mas agora eles estão cobertos por desejos materiais. Temos de nos curar e nos livrar de tais desejos. Quando nossos sentidos não estão mais inclinados ao gozo material dos sentidos, nosso status chama-se devoção pura.

Por este verso do *Nārada-pañcarātra*, podemos entender que a alma espiritual tem sentidos originais. Por menor que seja o corpo em que ela tenha entrado, a alma espiritual não é impessoal; ela tem sentidos. Talvez alguém encontre um percevejo dentro de seu livro. Ele é tão pequeno, menor que a cabeça de um alfinete, mas mesmo assim se movimenta; ele tem todos os sentidos. As pequenas bactérias também se mexem, e têm os seus sentidos. Originalmente, todas as entidades vivas têm sentidos. Não é que os sentidos tenham se desenvolvido sob determinadas condições materiais. A teoria ateísta é que sob determinadas condições materiais desenvolvemos nossos sentidos, e que na condição espiritual não existem sentidos, e que somos impessoais. Pela lógica e pela razão, contudo, isso não pode ser assim. Uma partícula diminuta de força espiritual, mesmo que seja menor em tamanho do que um átomo, tem seus sentidos, estando cobertos por elementos materiais, manifestam-se de maneira pervertida. Nós temos de purificar os sentidos, e quando os sentidos se purificarem, poderemos ocupá-los para o prazer do senhor dos sentidos. Kṛṣṇa é o senhor e proprietário dos sentidos. Portanto, porque somos partes integrantes do Senhor Supremo, nossos sentidos são tomados emprestados dEle; eles são alugados. O melhor que fazemos é usar os sentidos para a satisfação dos sentidos dEle, e não para a nossa própria satisfação. Este é o processo da consciência de Kṛṣṇa.

Do *Śrīmad-Bhāgavatam*, o Senhor Caitanya dá um exemplo de devoção pura. É dito no *Bhāgavatam* que Kṛṣṇa está situado no coração de todos. Portanto, assim como os rios correm e sua tendência natural é chegar ao mar, da mesma forma, assim que ouvimos as glórias do Senhor, nossa alma sente-se imediatamente atraída ao Senhor Supremo. Este é o começo do serviço devocional puro. Tão logo haja a vibração do canto, Hare Kṛṣṇa, imediatamente a parafernália de Kṛṣṇa, o nome de Kṛṣṇa, a fama de Kṛṣṇa, a morada de Kṛṣṇa, os companheiros de Kṛṣṇa — tudo — de repente manifestam-se interiormente porque Ele está presente. Este é o começo de nossa consciência de Kṛṣṇa. Lembrar-se com referência a um contexto significa que tão logo se ouça uma palavra código, imediatamente toda a informação que há por trás desse código é lembrada. Analogamente, quando nossas mentes sentem-se atraídas por Kṛṣṇa e por tudo que tem relação com Kṛṣṇa simplesmente por ouvirem um pouco de glorificação de Suas qualidades, este é o começo da consciência de Kṛṣṇa pura. Aí então não há mais *gati*, ou movimento da mente.

Era justamente isso o que acontecia com as *gopīs* assim que elas ouviam o som da flauta de Kṛṣṇa, elas abandonavam tudo. Algumas delas estavam deitadas, outras estavam atarefadas com seus afazeres domésticos, outras estavam cuidando dos filhos, mas assim que ouviam a flauta de Kṛṣṇa, elas se esqueciam de tudo e corriam até Ele. Seus esposos, seus filhos e seus pais diziam, “Por que vocês estão indo embora e abandonando suas obrigações?” Mas elas não ligavam — elas simplesmente iam. Não há impedimento nem barreira nessa absorção da mente em Kṛṣṇa. Este é o começo da devoção pura.

Puruṣottama significa Kṛṣṇa. A palavra *puruṣa* significa “desfrutador”. As entidades vivas condicionadas são desfrutadores falsos, desfrutadores de imitação. Aqui neste mundo material todas as entidades vivas estão agindo como *puruṣas*. O significado mais exato de *puruṣa* é “macho”. O macho é considerado o desfrutador e a fêmea é considerada a desfrutada. No mundo material, quer tenhamos um corpo masculino ou feminino, todos temos a propensão a desfrutar, e por isso somos todos chamados *puruṣas*. Mas na verdade o único *puruṣa* é o Senhor Supremo. Nós, entidades vivas, somos energia dEle, e Ele é o desfrutador supremo. Nós não somos *puruṣas*. As energias são empregadas para o desfrute, e nós somos energias, instrumentos da Pessoa Suprema. Portanto, *Puruṣottama* é a pessoa transcendental suprema, Kṛṣṇa. Quando empregamos nossa devoção pura pela Suprema Personalidade de Deus e não há impedimentos nem barreiras, esse é o sintoma da consciência de Kṛṣṇa pura.

Não há ambições nem motivações na consciência de Kṛṣṇa pura. Todas as outras funções transcendentais ou modos de adoração fundamentam-se em alguma motivação: alguém quer salvação, outrem quer prosperidade material, outrem quer ir a um planeta superior, outrem quer ir a Kṛṣṇaloka. Essas ambições não devem existir. Um devoto puro não tem tais ambições. O devoto puro não deseja sequer ir à morada suprema de Kṛṣṇa. Evidentemente, ele vai, mas não tem desejo. Ele simplesmente quer ocupar-se totalmente no serviço a Kṛṣṇa.

Há diferentes tipos de salvação. Há a liberação *sālokya*, viver no mesmo planeta que o Senhor Supremo. Os residentes dos planetas Vaikunṭha vivem no mesmo planeta que a Suprema Personalidade de Deus. A liberação *sārṣṭi* significa ter quase a mesma opulência que Nārāyaṇa. A alma individual liberada pode ter aparência semelhante à de Nārāyaṇa, cor, quatro mãos, os quatro emblemas, quase as mesmas feições corpóreas, a mesma opulência, os mesmos ornamentos, os mesmos prédios, tudo. *Sārūpya* significa ter a mesma forma ou feições. *Sāmīpya* significa jamais estar distante, mas sempre estar na companhia do Senhor Supremo. Por exemplo, assim como agora estamos sentados juntos, da mesma forma podemos nos associar com o Senhor. Isto chama-se *sāmīpya-mukti*, a liberação de estar mais próximo. Os devotos puros, entretanto, não aceitam essas várias formas de liberação. Eles só querem estar ocupados no serviço a Kṛṣṇa. Eles não estão interessados em nenhum outro tipo de liberação. Aqueles que são realmente conscientes de Kṛṣṇa atingem a companhia do Senhor Supremo, mas eles não a desejam; sua única ambição é estar ocupados no transcendental serviço amoroso ao Senhor. A perfeição máxima do serviço devocional, ou consciência de Kṛṣṇa, manifesta-se quando um devoto nega-se a aceitar qualquer bênção ou lucro do Senhor Supremo. O Senhor

ofereceu a Prahhlāda Mahārāja tudo o que ele quisesse, ele tinha apenas que pedir, mas ele disse: “Meu Senhor, sou Vosso servo eterno. É meu dever servir-Vos, como, então, poderei aceitar algum benefício desse dever? Se fosse assim, eu não seria Vosso servo; eu seria um comerciante”. Ele respondeu dessa maneira, e este é o sinal de uma pessoa pura. Kṛṣṇa é tão bondoso que satisfaz todos os desejos do devoto, mesmo que este queira bênçãos materiais. Se no fundo do coração do devoto há algum desejo, Ele também satisfaz esse desejo. Ele é muito bondoso. Mas a posição sublime da *bhakti-yoga*, ou serviço devocional, é que o devoto puro nega-se a aceitar os vários tipos de liberação, mesmo que sejam oferecidos pelo Senhor Supremo.

Se alguém tem desejos materiais ou motivações dentro de si, para a satisfação de tais desejos ele se ocupa em serviço devocional, o resultado será que ele jamais obterá amor puro por Deus. Se alguém está pensando, “eu estou ocupado na consciência de Kṛṣṇa, no serviço devocional a Kṛṣṇa, porque quero tal e qual opulência”, esse desejo pode ser satisfeito, mas ele jamais obterá o amor imaculado por Kṛṣṇa que as *gopīs* tinham. Se alguém tem alguma motivação, mesmo que cumpra seu dever devocional, ainda assim não será capaz de alcançar o estágio de amor puro por Deus. Em um verso do *Bhakti-rasāmṛta-sindhu*, Rūpa Gosvāmī diz: “Enquanto alguém desejar algum benefício material (bhukti), ou mesmo que queira a salvação (mukti), ele terá, então, que aceitar essas representações fantasmagóricas”.

Enquanto essa *māyā* existir dentro de nosso coração, como poderemos desfrutar da bem-aventurança espiritual obtida do amor puro por Deus? Em outras palavras, se temos desejos materiais, ou mesmo um desejo de salvação, não podemos atingir amor puro por Deus. A devoção pura é isenta de todos os desejos — consiste simplesmente em prestar serviço amoroso, em nome do próprio serviço amoroso.

Há um bom exemplo disto na vida de Rūpa Gosvāmī. Rūpa Gosvāmī e seu irmão Sanātana Gosvāmī viviam separadamente em Vṛndāvana e continuavam seu *bhajana*, serviço devocional. Sanātana estava vivendo na floresta, e não havia facilidades para cozinhar boa comida ou pedir *capāti* para comer na aldeia. Rūpa Gosvāmī era o irmão mais novo, e pensou: “Se eu pudesse obter alguns alimentos, então poderia preparar bons pratos e oferecê-los a Kṛṣṇa e convidar meu irmão mais velho”. Ele tinha esse desejo. No momento seguinte, uma bela mocinha de cerca de doze anos apareceu e lhe deu uma abundância de alimentos — leite, farinha, gḥī, etc. Este é o costume védico; às vezes os chefes de família presenteiam os mendicantes e sábios na ordem de vida renunciada com alimentos. Rūpa Gosvāmī ficou muito contente de que Kṛṣṇa tivesse mandado tantas coisas e que agora ele podia preparar um banquete. Ele preparou um banquete e depois convidou seu irmão mais velho.

Quando Sanātana Gosvāmī chegou, ele ficou espantado. “Como conseguiste essas coisas? Preparaste um banquete tão delicioso nesta floresta. Como isso é possível?”

Então Rūpa Gosvāmī explicou: “De manhã eu tive esse desejo, e por acaso Kṛṣṇa me mandou todas essas coisas. Uma bela mocinha veio e ofereceu-me tudo isso”. Ele descrevia a mocinha: “Uma belíssima mocinha”.

Então Sanātana Gosvāmī disse: Essa bela mocinha é Rādhārāṇī. Tu aceitaste serviço de Rādhārāṇī, a eterna consorte do Senhor. Isso foi uma grande tolice”. Essa é a filosofia deles. Eles não aceitavam serviço do Senhor. Simplesmente queriam prestar serviço. Mas Kṛṣṇa é tão esperto que também quer servir a Seu devoto. Ele procura uma oportunidade de servir a Seu devoto. Isso é competição espiritual. O devoto puro não quer nada de Kṛṣṇa; ele simplesmente quer servi-lo. E Kṛṣṇa também procura a oportunidade de servir a Seu devoto. Kṛṣṇa está sempre tão ansioso por agradar a Seu devoto quanto o devoto o está por agradar-Lhe.

Assim é o mundo transcendental. No plano absoluto, não há exploração. Todos querem servir; ninguém quer aceitar serviço. No mundo transcendental, todos querem prestar serviço. Você quer me prestar serviço, e eu quero prestar-lhe serviço. Essa atitude é ótima. Este mundo material significa que eu quero roubar sua carteira e você quer roubar minha carteira. Isso é tudo. Assim é o mundo material. Nós devemos tentar compreender isso. No mundo material, todos querem explorar o amigo, o pai, a mãe, todos. Mas no mundo transcendental, todos querem servir. Todos têm Kṛṣṇa como ponto central de serviço, e todos os devotos, seja como amigos ou servos ou pais ou amantes de Kṛṣṇa, querem servi-LO. E, ao mesmo tempo, Kṛṣṇa também quer servi-los. Este é um relacionamento transcendental; a função principal é o serviço, embora não haja necessidade de serviço, pois todos estão satisfeitos. Não existe fome, não há necessidade de comer, mas ainda assim todos oferecem boas coisas para se comer. Assim é o mundo transcendental. A menos que atinjamos o estágio de simplesmente servir a Kṛṣṇa ou a Seu devoto, não poderemos saborear o prazer transcendental do serviço. Se tivermos alguma motivação, então esse sentido jamais será desperto. Sem motivação, sem desejo de gozo pessoal dos sentidos — é assim que se deve prestar serviço ao Senhor Supremo e Seus devotos.

Aproximando-se de Kṛṣṇa com amor

“Esta é a fórmula — não devemos tentar satisfazer nossos sentidos separadamente, mas devemos tentar satisfazer os sentidos de Kṛṣṇa. Então naturalmente ficaremos satisfeitos. Uma pessoa consciente de Kṛṣṇa está sempre tentando dar satisfação a Kṛṣṇa..”.

Quando Kṛṣṇa esteve na Terra, todos os residentes de Vṛndāvana O amavam. De fato, eles não conheciam nada além de Kṛṣṇa. Eles não sabiam se Kṛṣṇa era Deus ou não era Deus, nem se perturbavam com pensamentos tais como: “Hei de amar a Kṛṣṇa como se Ele fosse Deus”. A atitude deles era uma atitude de amor puro, e eles pensavam: “Ele pode ser ou pode não ser Deus — isso não importa. Nós amamos Kṛṣṇa, isso é tudo”. Esta é então a plataforma de amor

eu a abandonasse. Seguindo suas ordens, deixei meu lar, incluindo alguns filhos, mas agora meu Guru Mahārāja está me dando muitos bons filhos em todo o mundo. Assim, por servir a Kṛṣṇa, ninguém sai perdendo, e este é um exemplo de minha própria experiência prática.

Quando parti sozinho em 1965, temia que passaria por muita dificuldade. O governo indiano não me permitira sair com dinheiro do país, de modo que vim com apenas alguns livros e quarenta rúpias. Cheguei à cidade de Nova Iorque nessa condição, mas tudo ocorreu pela graça de meu Guru Mahārāja e de Kṛṣṇa. Tudo acontece pela misericórdia combinada de Kṛṣṇa e do mestre espiritual. No *Caitanya-caritāmṛta* se afirma que a misericórdia de Kṛṣṇa e do *guru* são combinadas. Este é o segredo do sucesso deste movimento da consciência de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa está sempre dentro de nós, e conseqüentemente Ele sabe tudo a respeito de nossos propósitos, e Ele nos dá a oportunidade de trabalhar conforme decidamos. Se decidimos desfrutar deste mundo material, Kṛṣṇa nos dá inteligência para tornar-nos muito espertos homens de negócios, ou políticos populares, ou homens astutos, para que possamos ganhar dinheiro e nos divertir. Segundo os padrões da vida material, muitas pessoas estão se tornando importantes. Elas começam como pobretões e logo, por boa sorte, tornam-se milionárias. Não devemos pensar, entretanto, que elas estão alcançando esse sucesso por seus próprios esforços insignificantes. Sem inteligência, ninguém pode melhorar, e essa inteligência é dada por Kṛṣṇa. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa afirma que Ele está situado no coração de todos como a Superalma e que por Sua vontade um homem pode lembrar-se, e por Sua vontade um homem pode esquecer-se dEle. Kṛṣṇa supre o esquecimento e a lembrança de acordo com o desejo da entidade viva. Se quisermos nos esquecer de Kṛṣṇa e desfrutar do mundo material, Ele dar-nos-á a inteligência necessária para que possamos nos esquecer dEle para sempre.

Muitas pessoas pensam: “Eu posso desfrutar deste mundo material muito bem. Todos estão se divertindo bastante. Não há razão por que eu não possa desfrutar tanto quanto eles”. Esta idéia é uma ilusão porque não existe desfrute verdadeiro no mundo material. Pode ser que nos elevemos a uma posição muito elevada como o Presidente Kennedy. Pode ser que tenhamos aparência bonita, que sejamos muito famosos, muito inteligentes e bem educados, muito prósperos e muito poderosos, e pode ser que tenhamos uma bela esposa e belos filhos e ocupemos a posição mais elevada no país — mas a qualquer momento estamos sujeitos a levar um tiro. Esta é a natureza do mundo material: temos que enfrentar perigos a cada passo. Não é possível termos prazer sem obstáculos. Mesmo quando conseguimos os prazeres, só os conseguimos depois de muita luta e sacrifício, e qualquer que seja o prazer adquirido, ele é temporário, pois no mundo material não existe prazer que nos possa dar desfrute constante e sem fim. Só Kṛṣṇa pode nos dar isso.

Portanto, Kṛṣṇa instrui no *Bhagavad-gītā* que a prosperidade de toda entidade viva é abandonar esta atividade material disparatada e simplesmente render-se a Ele. Infelizmente, nesta era as pessoas estão tão atraídas pelo brilho da natureza material, pela ilusão, ou *māyā*, que não estão muito interessadas nisso. Kṛṣṇa chega mesmo a declarar que se alguém render-se a Ele, Ele dar-lhe-á toda proteção contra todas as reações pecaminosas, mas ainda assim as pessoas estão tão apegadas que não podem fazê-lo. As pessoas sempre têm medo de que, rendendo-se a Kṛṣṇa, perderão algo, assim como eu temia perder minha família indo pregar no mundo ocidental. Mas Kṛṣṇa é tão bondoso que se Ele nos tira algo, recompensa com mil vezes mais do que nos tirou.

O mestre espiritual também é bondoso pelo fato de pedir de porta em porta, de país em país, de cidade em cidade: “Meus caros senhores e senhoras, meus queridos rapazes e moças, por favor, aceitem a consciência de Kṛṣṇa”. Dessa maneira, ele presta serviço muito confidencial a Kṛṣṇa. Kṛṣṇa é o Senhor Supremo que dá as ordens, e o mestre espiritual executa essas ordens; portanto o mestre espiritual é muito querido por Kṛṣṇa. Quer Kṛṣṇa o mande para o céu ou para o inferno, isso não faz diferença para ele. Para o mestre espiritual, um devoto puro, tanto o céu quanto o inferno são a mesma coisa se não há consciência de Kṛṣṇa. No inferno as pessoas estão sofrendo de muitas maneiras, e no céu elas estão desfrutando de seus sentidos de muitas maneiras, mas o devoto do Senhor pode viver em qualquer lugar onde haja consciência de Kṛṣṇa, e uma vez que ele traz esta consciência consigo, ele está sempre satisfeito consigo mesmo. Se ele for mandado para o inferno, estará satisfeito simplesmente por cantar Hare Kṛṣṇa. De fato, ele não acredita no inferno, mas sim em Kṛṣṇa. Analogamente, se ele fosse posto no céu, onde há tantas oportunidades para o gozo dos sentidos, ele também se manteria à parte, pois seus sentidos são satisfeitos pelo próprio Kṛṣṇa. Desse modo, para o serviço ao Senhor, o devoto está preparado para ir a qualquer parte, e por este motivo ele é muito querido por Kṛṣṇa.

Os filósofos impersonalistas renunciantes dizem que este mundo é falso e que o Brahman impessoal é verdade. Mas se lhes pedem para ir à sociedade onde predomina o gozo material dos sentidos, eles se negam por temor de serem afetados por essas condições. Para uma pessoa consciente de Kṛṣṇa, contudo, essa dificuldade não existe. Por ela ser controlada e ter se refugiado em Kṛṣṇa, ela não tem medo de ir a parte alguma.

Conseqüentemente, quando os devotos encontram-se num lugar onde não existe consciência de Kṛṣṇa, não há mal algum nisso, pois eles aproveitam a oportunidade para cantar Hare Kṛṣṇa e impregnar o local com consciência de Kṛṣṇa. Esta oportunidade deve sempre ser aproveitada. Não é que devamos nos fechar em um quarto e cantar sozinhos. O grande sábio Nārada é um homem do espaço que viaja por todo o universo. Embora ele possa morar nos planetas mais elevados, ele às vezes vai ao inferno e ali ele prega. Essa é a beleza de um servo de Deus — ele está sempre agindo por amor a Kṛṣṇa e Suas partes integrantes.

O princípio fundamental do serviço devocional é o amor imaculado por Kṛṣṇa. Independentemente da posição de um devoto particular — como amigo, servo, pai ou amante de Kṛṣṇa — seu serviço é incondicional, pois a consciência de Kṛṣṇa não depende de nenhuma condição material. Ela é transcendental e nada tem a ver com os modos da natureza material. O devoto não tem medo de ir a parte alguma, e, por causa disso, ele vê todas as condições materiais em nível de igualdade. No mundo pode ser que digamos que este é um bom lugar e que aquele é um lugar ruim, mas,

como indicamos antes, o devoto não está sujeito a essas invenções mentais. Para ele, o princípio básico da existência material é ruim, pois existência material significa esquecimento de Kṛṣṇa.

No estágio neutro de devoção, pode ser que se dê mais importância à refulgência impessoal do Senhor e à Superalma dentro do coração, mas a consciência de Kṛṣṇa desenvolve-se realmente quando se pensa: “Kṛṣṇa é meu senhor muito pessoal de relações íntimas”. No começo, é claro, a compreensão impessoal e a compreensão da Superalma fazem parte da consciência de Kṛṣṇa. A compreensão parcial de Deus sob Seu aspecto impessoal ou sob Seu aspecto como Superalma capacita a pessoa a desenvolver veneração pelo Senhor, mas quando ela tem uma relação íntima com Kṛṣṇa como amigo, senhor, filho ou amante, então a veneração desaparece

Esta plataforma de relacionamento pessoal é certamente superior à plataforma impessoal ou à plataforma da compreensão da Superalma, ou Paramātmā. Na concepção neutra, simplesmente compreendemos que nós e a Verdade Absoluta somos iguais em qualidade, ou compreendemos que somos partes integrantes do Supremo. Isso certamente é conhecimento, pois quando desenvolvemos um relacionamento pessoal com Kṛṣṇa como servos, começamos a apreciar a opulência completa do Senhor Supremo. Aquele que compreende que Deus é pleno em seis opulências começa realmente o serviço devocional. Tão logo ele se conscientiza da grandeza de Kṛṣṇa e compreenda a superioridade de Kṛṣṇa, seu serviço começa. A consciência da grandeza de Deus aumenta quando se presta serviço transcendental. Uma pessoa que serve ao Senhor a fim de satisfazer os sentidos do Senhor fica satisfeita porque Kṛṣṇa é a Superalma, e a entidade viva individual é Sua parte integrante. Se Ele Se satisfaz, então a entidade viva se satisfaz. Se o estômago está satisfeito, todas as partes do corpo ficam satisfeitas, pois elas recebem nutrição através do estômago. Quando um de meus irmãos espirituais começou a abanar meu Guru Mahārāja (mestre espiritual) em um dia de muito calor, Guru Mahārāja perguntou: “Por que estás me abanando de repente?” O rapaz respondeu: “Porque se o senhor estiver satisfeito, nós todos estaremos satisfeitos”. Esta é a fórmula — não devemos tentar satisfazer nossos sentidos separadamente, mas devemos tentar satisfazer os sentidos de Kṛṣṇa. Então, naturalmente ficaremos satisfeitos.

Uma pessoa consciente de Kṛṣṇa está sempre tentando dar satisfação a Kṛṣṇa, e este é o começo da consciência de Kṛṣṇa. Porque na concepção impessoal não há forma de Deus, não há oportunidade para satisfazer-Lhe os sentidos. Contudo, aquele que considera Kṛṣṇa como o senhor pode prestar-Lhe serviço. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa é chamado de Hṛṣīkeśa, senhor dos sentidos. Quando se compreende que a Verdade Absoluta é o senhor dos sentidos, que nossos sentidos são produtos de Seus sentidos, e que eles devem portanto ser utilizados para a satisfação de Seus sentidos — a consciência de Kṛṣṇa, que está adormecida dentro de todos, começa a despertar. Certa vez, Caitanya Mahāprabhu perguntou: “Qual é a diferença entre a posição neutra em relação com Kṛṣṇa e o relacionamento de senhor e servo?” Em ambos os casos pode-se compreender que Kṛṣṇa é grande, mas na posição neutra não há inclinação para serviço. Por isso, o relacionamento senhor-servo entre Kṛṣṇa e a entidade viva é mais elevado. Então, quando se alcança amizade com Kṛṣṇa, adiciona-se outra qualidade transcendental. Há a concepção de que Deus é grande e que se deve prestar serviço a Ele, mas há também um sentimento extra: “Kṛṣṇa é meu amigo. Portanto tenho de tratá-LO de tal maneira que Ele Se sinta feliz”. Com um amigo, não nos contentamos apenas em prestar serviço, mas em fazê-lo realmente feliz e satisfeito. Existe também igualdade neste relacionamento, pois Kṛṣṇa e o devoto se relacionam em termos de igualdade. Desse modo, os devotos nesta posição esquecem-se realmente da superioridade de Kṛṣṇa. Quando os amiguinhos de Kṛṣṇa subiam aos ombros de Kṛṣṇa em suas brincadeiras, eles não pensavam que eram superiores a Ele. Não há possibilidade de gozo dos sentidos ou autoglorificação, pois o relacionamento baseia-se em amor puro. O único desejo do devoto é dar prazer a Kṛṣṇa, e Kṛṣṇa também leva Seus amigos sobre Seus ombros para tirar prazer deles. Às vezes uma pessoa simplesmente aceita o fato de que seu amigo lhe dê um tapa no rosto — mas a inferioridade está fora de cogitação nessa ação. Quando a amizade e o prazer mútuo são a base do relacionamento, não há possibilidade de insulto ou inferioridade.

Toda a base da consciência de Kṛṣṇa e de um relacionamento com Kṛṣṇa é a potência de prazer do próprio Kṛṣṇa. Śrīmatī Rādhārāṇī, as donzelas de Vraja e os vaqueirinhos amigos de Kṛṣṇa são todas expansões da potência de prazer de Kṛṣṇa. Todos nós temos uma tendência ao prazer porque a fonte da qual emanamos é plenamente potente em prazer. Os impersonalistas não podem pensar nesses termos, pois eles negam a potência de prazer; portanto a filosofia impersonalista é incompleta e inferior. Aqueles que estão em consciência de Kṛṣṇa reconhecem a potência de prazer em Kṛṣṇa e em toda Sua parafernália — Seus amigos, servos, pai, mãe e consorte. Todos os relacionamentos com Kṛṣṇa que objetivam satisfazer os sentidos de Kṛṣṇa são manifestações da potência de prazer de Kṛṣṇa.

No que diz respeito à alma individual, ela é originalmente parte integrante desta potência de prazer, do próprio reservatório de prazer. Contudo, devido ao contato com a natureza material, a alma se esquece de sua posição verdadeira e cai na armadilha do processo evolucionário de transmigração de um corpo a outro. Assim ela luta arduamente pela vida. Ora, devemos nos desenredar dos sofrimentos da luta, das incontáveis transmigrações que nos forçam a sofrer as misérias de nascimento, velhice, doença e morte, e chegar ao ponto de nossa vida eterna em consciência de Kṛṣṇa. Essa vida eterna é possível. Se tentarmos o melhor que pudermos nesta forma de vida humana, em nossa próxima vida obteremos um corpo espiritual. O corpo espiritual já está dentro do corpo material grosseiro, mas ele somente se desenvolverá quando nos livrarmos da contaminação desta existência material. Este é o objetivo da vida humana e o verdadeiro interesse pessoal de todas as pessoas. Interesse pessoal é compreender realmente: “eu sou parte integrante de Deus. Tenho que retornar ao reino de Deus e juntar-me-a Ele”. Assim como temos vida social aqui, Deus tem vida social no reino espiritual, e nós podemos juntar-nos a Ele lá. Não é que depois que este corpo se acaba nós nos tornamos vazios. No *Bhagavad-gītā* (2.12) Kṛṣṇa disse a Arjuna: “Nunca houve um tempo em que Eu não tivesse existido, nem tu, nem todos esses reis, nem no futuro nenhum de nós deixará de existir”. Portanto nossa existência é eterna, e as mudanças de nascimento e morte são apenas as mudanças de corpos materiais temporários.

Ciência da Auto-Realização - Alcançando a Perfeição da Vida

O verdadeiro processo para se atingir a vida eterna não é absolutamente difícil. Este processo da consciência de Kṛṣṇa baseia-se em conhecimento recebido de Kṛṣṇa, o ser mais perfeito. O conhecimento recebido de outras pessoas é defeituoso porque a alma condicionada com certeza comete erros, se ilude, engana e tem sentidos imperfeitos. O conhecimento recebido de Kṛṣṇa, contudo, capacita-nos realmente a ver Kṛṣṇa. Pode ser que alguém desafie: “O senhor pode me mostrar Deus?” e nossa resposta é: “Sim. Deus pode ser visto a todo momento”. Kṛṣṇa diz: “Eu sou o sabor da água”. Nós bebemos água todos os dias, e o sabor da água existe, de modo que se considerarmos este sabor como sendo Kṛṣṇa, teremos começado a compreender Deus todos os dias. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa diz ainda: “Eu sou a luz do Sol e da lua”. Todos os dias recebemos a luz do Sol e à noite há o luar, de modo que se pensarmos na fonte dessas emanções, em última análise tornar-nos-emos conscientes de Deus. Há muitos exemplos semelhantes dados no *Bhagavad-gītā*, pois Kṛṣṇa é o começo, o meio e o fim de todas as manifestações. Se queremos nos tornar conscientes de Deus e compreender nossa própria essência, isso não é muito difícil. Temos apenas que compreender Deus de verdade — como Ele aparece, como Ele desaparece e quais são as Suas atividades — e então poderemos nos tornar elegíveis para entrar no reino de Deus. Após deixar este corpo material, uma pessoa que compreende Deus, Kṛṣṇa, não volta novamente à Terra para aceitar outro corpo material. Para onde ela vai? Kṛṣṇa diz, *mām eti*: “Ela vem a Mim”. Este deve ser o objetivo de qualquer ser humano inteligente.